



Sustentabilidade na indústria farmacêutica: das exigências às evidências

A centralidade da indústria farmacêutica na saúde e bem-estar das sociedades é inquestionável. Essa centralidade exige um constante exame ao impacto ambiental das suas operações, do uso intensivo de recursos às práticas de produção, da distribuição aos resíduos. Preocupações quanto à responsabilidade ambiental e social da indústria têm contribuído para uma inovação constante rumo a um futuro mais sustentável. São hoje vários os exemplos de iniciativas e boas práticas.

POR ANDREA VALENTE E ISABEL MARQUES, GRUPO DE TRABALHO ESG DA AICEP

A indústria farmacêutica, parte integrante da economia da saúde, inclui a investigação, desenvolvimento, produção e distribuição de medicamentos. O seu impacto económico global está relacionado com a criação de riqueza e contribuição para o PIB mundial, mas também com o facto de contribuir, em articulação com outros setores, para a criação de milhões de

empregos ao longo da cadeia global de abastecimentos.

A indústria tem demonstrado um crescimento significativo ao longo dos últimos anos. Em 2022 o mercado global chegou aos 1,48 biliões de dólares e, em 2023, rondou os 1,6 biliões de dólares. Prevê-se, aliás, que continue numa espiral ascendente

em face da necessidade de resposta aos desafios modernos na área da saúde e do potencial de crescimento nos mercados emergentes. A tendência para uma maior utilização de medicamentos per capita e de aumento do rendimento dos consumidores estará associada ao crescimento da despesa com medicamentos não só nos mercados desenvolvidos (os EUA

são, de longe, o país onde mais se gasta em produtos farmacêuticos, seguidos pela China), como também nos mercados ainda inexplorados.

Dos impactos económicos aos ambientais

O impacto desta indústria para a economia mundial não é separável do impacto ambiental, decorrente do uso intensivo de recursos, das práticas de produção, distribuição, consumo, e dos resíduos que gera. A poluição farmacêutica tem vindo a ser reconhecida como uma ameaça aos ecossistemas e à saúde humana. Isto porque os fármacos podem entrar no ambiente em todas as fases do seu ciclo de vida (produção, utilização e eliminação), contaminando a água (águas superficiais, águas subterrâneas, esgotos e água potável), podendo, por isso, acumular-se nos alimentos, entre os quais os vegetais e o peixe.

Existem provas científicas de que mesmo baixas concentrações de produtos farmacêuticos no ambiente têm efeitos nocivos na vida animal e vegetal. Adicionalmente, a descarga de resíduos farmacêuticos tem também sido associada ao desenvolvimento da resistência antimicrobiana (RAM), globalmente reconhecida como uma das maiores preocupações de saúde pública, com particular incidência nos países em desenvolvimento, onde, aliás, muitos dos ingredientes farmacêuticos ativos são produzidos.

Também associado à produção de fármacos está o uso de energia e a questão das emissões de CO₂, para além da utilização de recursos hídricos num contexto de escassez. Não menos importante, a indústria é ainda caracterizada pelo amplo uso de plásticos e outros materiais não recicláveis, enfrentando, por isso, os desafios de eliminar ou reduzir o impacto associado aos resíduos de embalagens.

Inovação, desenvolvimento e práticas sustentáveis

A maior visibilidade e menor tolerância aos riscos decorrentes da atividade das farmacêuticas contribuíram para a necessidade de mudança estrutural desta indústria. Por um lado, o panorama regulatório tem produzido regulamentação que o setor farmacêutico tem de cumprir, tanto ao nível nacional como internacional. Por outro lado, as estratégias empresariais estão naturalmente cada vez mais alinhadas com políticas internas, modelos de negócio sustentáveis e cumprimento de certificações, de que a ISO 14001 é exemplo.

São várias as medidas e soluções inovadoras para reduzir os impactos ambientais e promover responsabilidade social. A montante, na produção, a ecoeficiência assenta na redução do consumo de energia e água para otimizar os processos. Na gestão da poluição, as estratégias recaem sobre o tratamento de resíduos e reciclagem de materiais, a par do uso de embalagens biodegradáveis ou reutilizáveis (economia circular). Muitas empresas, designadamente em Portugal, têm vindo a implementar programas de devolução de medicamentos fora da validade (logística inversa).

Em toda esta transformação, merecem destaque os gastos em investigação e desenvolvimento (I&D). Na senda da inovação e da procura de vantagens competitivas, o investimento em investigação farmacêutica mais do que duplicou ao longo da última década: de 137 mil milhões de dólares em 2012, atingiu os 300 mil milhões em 2023. Num ambiente de acirrada competição, as farmacêuticas estão constantemente perante o imperativo de produzir produtos inovadores, o que justifica a intensidade de I&D nesta indústria. O desenvolvimento da pesquisa pretende rumar à descoberta de novos ou melhorados

medicamentos, mas também tem vindo a apostar na criação de produtos mais sustentáveis, como medicamentos biodegradáveis e compostos que sejam menos poluentes ou com um ciclo de vida menos tóxico para o meio ambiente.

A química verde, aplicada à indústria farmacêutica e da biotecnologia, visa desenvolver produtos que substituam solventes e reagentes derivados do petróleo por outros advindos de fontes renováveis. O contexto de inovação tecnológica tem vindo a apontar para o papel que a inteligência artificial pode ter na transformação da indústria, por via da otimização de processos. Por outro lado, é expectável que a telemedicina contribua para a sustentabilidade ao reduzir o uso de recursos e o impacto logístico.

Cooperação internacional: as partes a contribuir para o todo

Embora vital, a transformação do setor farmacêutico no caminho da sustentabilidade é complexa e exige um comprometimento económico, social, ambiental e ético de longo prazo, de todos os *stakeholders* ao longo das cadeias de abastecimento. E exige a capacidade de trabalhar colaborativamente. Exemplo desta colaboração é a Sustainable Markets Initiative (SMI) Health Systems Taskforce, que reúne CEOs das maiores farmacêuticas mundiais, organizações internacionais e académicas e promove ação conjunta para a descarbonização do setor. Outro exemplo de colaboração mundial é a Partnership for Health System Sustainability and Resilience (PHSSR), criada a partir da ideia de que só a cooperação transnacional e multissetorial poderá acelerar a mudança necessária para responder aos desafios complexos e às crises presentes e futuras. ●